



Ativos

# CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 10 - 23ª Edição - Setembro de 2017

twitter.com/SistemaCNA  
facebook.com/SistemaCNA  
instagram.com/SistemaCNA

www.cnabrasil.org.br  
www.canaldoprodutor.tv.br

## COM MARGEM APERTADA, SAFRA 2017/2018 DE SOJA PODE NÃO PAGAR CUSTOS TOTAIS

O Custo Operacional Efetivo (COE) orçado para a safra 2017/2018 de soja deve subir nas principais regiões produtoras do Brasil em relação à temporada passada. A elevação está atrelada à recente elevação do preço do diesel devido ao aumento do PIS/Cofins que incide no preço do combustível e do frete agrícola. Além disso, os novos reajustes do salário mínimo e da energia elétrica, que devem ser anunciados nos próximos meses, também podem influenciar o aumento do Custo Operacional Efetivo (COE).

Quanto a insumos, para os produtores que os adquiriram entre janeiro e julho de 2017, o principal impacto frente à safra anterior é a leve redução nas cotações dos fertilizantes, que foi compensada por um ligeiro aumento nas cotações dos principais defensivos agrícolas utilizados.

Para chegar a essa constatação, foi realizada uma simulação de custos de produção mantendo-se os coeficientes técnicos (quantidade de insumos, operações mecânicas, mão de obra) da safra 2016/2017, atualizados os valores médios dos insumos, da mão de obra, do diesel e o preço de venda da produção nos primeiros sete meses de 2017, nas seguintes regiões: Rio Verde (GO), Sorriso (MT), Balsas (MA), Cascavel (PR) e Carazinho (RS). Na produtividade foi considerada a média histórica das últimas 5 safras.

Ao serem considerados os custos totais (CT) de produção para todas as regiões,

que englobam desde o desembolso para se produzir (COE), a depreciação e até os juros de capital imobilizado e de oportunidade da terra (arrendamento), nenhuma delas foi capaz de igualar o CT à receita.

O quadro mais crítico projetado se refere à soja tolerante ao herbicida glifosato e resistente a lagartas (TH e RI), em Balsas (MA), que nas condições simuladas, faltará 11,09 sc/ha para saldar o CT. Em Sorriso (MT), o cenário também é complicado, uma vez que, na soja TH, faltará 8,6 sc/ha e, na TH e RI, 9,84 sc/ha para que o produtor típico pague o custo total.

Avaliando-se apenas o Custo Operacional Efetivo (COE), todas as regiões pagam o desembolso; contudo, Sorriso (MT) é a região que, nas condições simuladas, precisará de maior volume de grãos para pagar o COE: 52,44 sc/ha na soja TH e 53,74 sc/ha na soja TH e RI. Estes volumes são significativos, uma vez que a produtividade média regional nas últimas safras foi de 55,5 sc/ha, deixando o produtor mato-grossense em alerta.

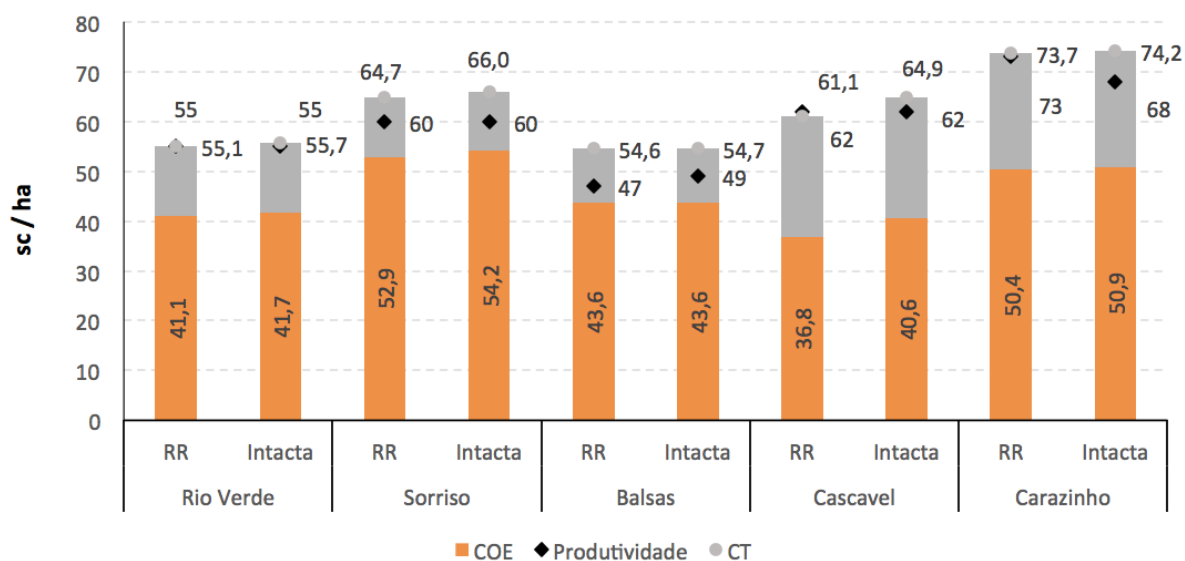
Por outro lado, o menor resultado em sacas de soja por hectare para saldar o COE foi encontrado em Cascavel (PR), de 36,61 sc/ha para a soja TH e de 40,43 sc/ha para a TH e RI. Os custos operacionais da região paranaense no geral, além de levemente inferiores às demais na soja TH, têm preços de venda superiores no mesmo comparativo, principalmente quando comparados com regiões do Cen-

tro-Oeste e do Nordeste.

Em termos monetários, o maior COE estimado foi o de Carazinho (RS) somando, para a soja TH, R\$ 3.038,39/ha. Quanto à soja TH e RI, o COE foi de R\$ 3.181,80/ha. Com estes custos operacionais, dado o preço médio de venda de janeiro a julho de 2017, de R\$ 60,99/sc de 60 kg, o produtor precisará produzir ao menos 49,82 sc/ha e 50,53 sc/ha na soja TH e na TH e RI, respectivamente, para saldar o COE. Ao se considerar o Custo Total (CT), o produtor desta região gaúcha precisará produzir ao menos 73,08 sc/ha na soja TH e 73,79 sc/ha na soja TH e RI para pagar o CT, volume até mesmo a média de produtividade coletada no painel de custo de produção da safra 2016/2017 na região, que foi de 73 sc/ha na soja TH e 68 sc/ha na soja TH e RI, produtividade bem significativa quando analisadas as médias históricas regionais.

Assim, dado o atual cenário de preços de insumos e preços de venda da produção nos atuais patamares, a safra 2017/2018 sinaliza um cenário bastante apertado de receitas e custos, uma vez que os custos de produção estão altos e os preços, bem inferiores aos de safras anteriores. Isso pode resultar em um cenário de produtividade mais justa, comprometer os resultados finais da temporada e agravar o caixa dos agricultores, principalmente os que já trabalham com fluxos e receitas restritos.

Figura 1. Custo Operacional Efetivo (COE), Custo Total (CT) e Produtividade simulados para a safra 2017/2018 da soja em cinco regiões brasileiras selecionadas, em sc/ha.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP.

## RECUO DOS PREÇOS DO MAP E UREIA AJUDA, MAS PODER DE COMPRA AINDA É APERTADO

Os preços dos principais fertilizantes intermediários utilizados na agricultura brasileira têm registrado comportamentos distintos neste ano tanto no Brasil quanto no mercado internacional. Os preços da ureia (Porto de Yuzhny, na Ucrânia) e do MAP (Porto de São Petersburgo, na Rússia) recuaram na média de fevereiro a abril frente à de maio a julho, ambos em 2017. No mesmo comparativo, a cotação do cloreto de potássio (Porto de Vancouver, no Canadá) teve movimento oposto, com elevação de 2,8%. Este movimento verificado no mercado externo teve reflexos parciais nas cotações dos mesmos fertilizantes no Brasil.

Dos três fertilizantes intermediários citados, o valor da ureia foi o que apresentou o recuo mais expressivo nos mercados externo e interno. No porto de Yuzhny, na Ucrânia, o fertilizante se desvalorizou 19,7%, considerando-se as médias de fevereiro a abril/2017 e de maio a julho/2017, passando de US\$ 229/tonelada para US\$ 184/t. Já o Real se desvalorizou 3,6% frente ao dólar no mesmo período, amenizando a queda nos preços do fertilizante no Brasil, uma vez que grande parte da ureia consumida no mercado brasileiro vem do exterior.

No Brasil, o recuo médio nas cotações da ureia no período analisado foi de 8,7% nas praças de Sorriso (MT), Dourados (MS), Rio Verde (GO), Cascavel (PR) e Carazinho (RS). Sorriso (MT) foi à região onde o fertilizante caiu menos, 4%, passando de R\$ 1.321,27/t na média de fevereiro a abril para R\$ 1.268,12/t de maio a julho. A baixa mais expressiva, de 11%, foi registrada em Carazinho (RS), passando de R\$ 1.223,50/t para R\$ 1.087,50/t no mesmo período.

Quanto ao cloreto de potássio, o movimento foi oposto ao registrado para a ureia, no mesmo comparativo. Na média das praças desta análise, o fertilizante se valorizou 3,7% no Brasil. No porto de Vancouver, o fertilizante passou de US\$ 238/t para US\$ 244/t. Com exceção de Dourados (MS), onde o preço do adubo ficou praticamente estável, nas demais, as cotações subiram entre 2,8% e 5,5%. A alta mais significativa, 5,5%, foi registrada em Cascavel (PR), onde o cloreto de potássio passou de R\$ 1.061,67/t para R\$ 1.120,00/t.

Para o MAP, importante fertilizante intermediário utilizado no Brasil, o comportamento dos preços foi misto no mercado interno. Nas regiões de Dourados (MS),

Carazinho (RS) e Sorriso (MT), na média de fevereiro a abril de 2017, os preços recuaram na comparação com o período de maio a julho de 2017. Na região sul-matogrossense, o valor fertilizante teve queda de apenas 0,5% no mesmo período, passando de R\$ 1.612,56/t para R\$ 1.604,98/t. Já na região gaúcha, o fertilizante se desvalorizou 2,2%, passando de R\$ 1.571,67/t para R\$ 1.537,21/t. O recuo mais forte foi observado em Sorriso (MT), 3,8%. Na região, o preço do MAP passou de R\$ 1.735,16/t para R\$ 1.668,56/t. Nas regiões de Rio Verde (GO) e Cascavel (PR), as cotações do fertilizante subiram 3,5% e 2,6% respectivamente.

O cenário de câmbio desfavorável foi reflexo, em partes, da instabilidade política nacional, que impactou diretamente as cotações dos fertilizantes. Além disso, o significativo recuo nas cotações tanto da soja quanto do milho no primeiro semestre de 2017 tornou lento o ritmo de negociação dos fertilizantes no mercado interno na comparação com a temporada anterior.

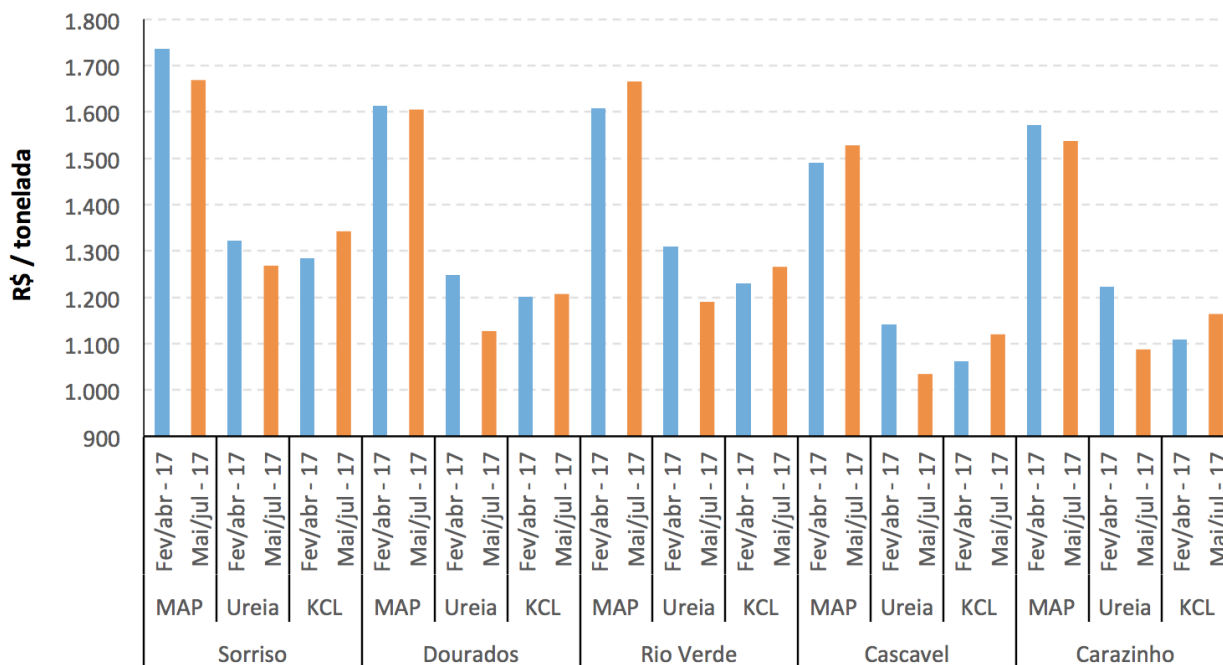
Contudo, o maior impacto vem sendo sentido por produtores na relação de troca destes fertilizantes pela produção, principalmente de soja. Ao serem com-

parados os preços do primeiro semestre (quando o produtor concentra grande parte das suas compras de insumos para a

safr) de 2016 e 2017, o recuo médio nas cotações do grão foi de 15% nas praças acima descritas, o que deixa o produtor

de grãos brasileiro em alerta quanto aos possíveis resultados da safra 2017/18.

**Figura 2. Preços dos fertilizantes intermediários, cloreto de potássio (KCl), MAP e ureia em R\$/t na média dos meses de fevereiro a abril/2017 e de maio a julho/2017**



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP.

## MILHO DIMINUI RENTABILIDADE DO SISTEMA SOJA + MILHO 2ª SAFRA

O início do segundo semestre de 2017 mostra-se desestimulador ao produtor de grãos das principais regiões produtoras do Brasil, visto que em um ano de boa produtividade, o retorno na propriedade pode não ser totalmente positivo.

Mesmo com o forte recuo nas cotações de soja no primeiro semestre deste ano, a conta fechou na maioria das regiões pesquisadas pelo Cepea. O milho safrinha, por outro lado, com a grande oferta e queda no valor da saca, apresentou dificuldade para saldar o Custo Operacional Efetivo (COE), onerando todo o sistema (soja + milho 2ª safra). Ainda assim, a margem foi positiva ao produtor, em grande parte sustentada pela receita com a oleaginosa.

Para calcular o COE, foram considerados os resultados dos painéis de custos de produção de grãos da safra 2016/2017. Para determinar a receita do produtor, fo-

ram considerados os preços ponderados, com base na distribuição dos negócios realizados durante a safra 2016/2017. As modalidades praticadas envolvem venda antecipada, troca com insumos e mercado spot de soja e milho. As regiões que participaram da análise foram Sorriso (MT), Rio Verde (GO), Balsas (MA), Uberaba (MG), Dourados (MS), Cascavel (PR) e Londrina (PR).

Na região de Sorriso (MT), a Rentabilidade sobre o Custo Operacional Efetivo (RRCO) obtida pela Soja tolerante ao herbicida glifosato e resistente a lagartas (TH e RI) foi de 48%, considerando uma produtividade média de 60 sc/ha e preço médio da saca a R\$ 60,65. Em contrapartida, a rentabilidade proveniente do milho 2ª safra foi negativa em 8%, com uma produtividade média de 114,35 sc/ha e venda de R\$ 15,85/sc. Com isso, a RRCO do sistema fechou em 22,7%, visto que a soja compensou a margem negativa do milho.

Já no sistema soja tolerante ao herbicida glifosato (TH) + milho 2ª safra, a RRCO obtida foi de 22,3%, tendo em vista que o custo da soja TH foi 0,5% maior que o da TH e RI e a produtividade média e preço de venda foram semelhantes ao sistema de soja TH e RI e milho. Com isso, o cereal apresentou uma rentabilidade negativa de 8%, enquanto a oleaginosa registrou uma RRCO positiva de 47%, quitando o custo do milho.

Em Rio Verde (GO), a RRCO do sistema soja TH e RI e milho 2ª safra foi de 9,9%. Individualmente, a soja registrou RRCO de 48%, com produtividade média de 55 sc/ha e preço médio de R\$ 63,10/sc. Já o milho 2ª safra teve margem negativa de 24%, com produtividade média de 100 sc/ha e preço médio da saca de R\$ 19,90. No sistema com soja TH e milho safrinha, o produtor obteve margem positiva para a oleaginosa, com uma rentabilidade de 50% e margem negativa de 24% para o

milho, tendo em vista as mesmas produtividades e preços de venda do sistema anterior, mas com o custo da soja TH 1,5% menor que o da soja TH e RI. Assim, o sistema resultou em uma RRCO de 10,6%.

Já em Balsas (MA), o produtor terá que comercializar 42,4 sc/ha de soja TH e RI e 68,6 sc/ha de milho 2ª safra para custear a produção do sistema. Assim, a RRCO obtida pelo sistema será de 4,9%, sendo a da soja de 16% e do milho, negativa em 5%. A produtividade média considerada foi de 49 sc/ha para soja TH e RI e 65 sc/ha para o milho 2ª safra, com preço médio de R\$ 61,80/sc e R\$ 22/sc, respectivamente. Para o sistema de soja TH e milho 2ª safra, o produtor terá que comercializar 41,4 sc/ha da oleaginosa e 68,6 sc/ha do cereal. Assim, a RRCO será de 6,5%, sendo 14% para soja TH.

A região de Uberaba (MG) apresentou um sistema com produtividade média de 62 sc/ha para a soja TH e RI e 100 sc/ha para o milho 2ª safra. Quanto ao preço médio, foi de R\$ 65,88/sc e R\$ 20/sc, na mesma comparação. Desta maneira, a RRCO da oleaginosa foi de 59% e do cereal, negativa em 27%. Com os resulta-

dos da soja compensando os do milho, a RRCO do sistema foi positiva em 14,4%. Assim como no sistema anterior, a rentabilidade da soja TH, de 62% compensou a margem negativa do milho, de 27%, gerando uma RRCO do sistema de 15,2%.

Em Dourados (MS), o sistema soja TH + milho segunda safra registrou uma RRCO de 16,2%, sendo que, individualmente, a rentabilidade da soja TH foi de 46% e do milho foi negativa em 17%. Em relação ao sistema formado por soja TH e RI + milho, o RRCO foi de 10,9%, visto que a soja TH e RI teve rentabilidade de 42%.

Na região de Londrina (PR), o sistema soja TH + milho 2ª safra teve uma RRCO de 28,1%, sendo que a soja TH registrou rentabilidade individual de 75% e o milho 2ª safra apresentou resultado negativo de 12%. Como o retorno sobre o COE do milho foi o mesmo para ambos os sistemas, a RRCO do sistema soja TH e RI + milho 2ª safra foi de 24,2%.

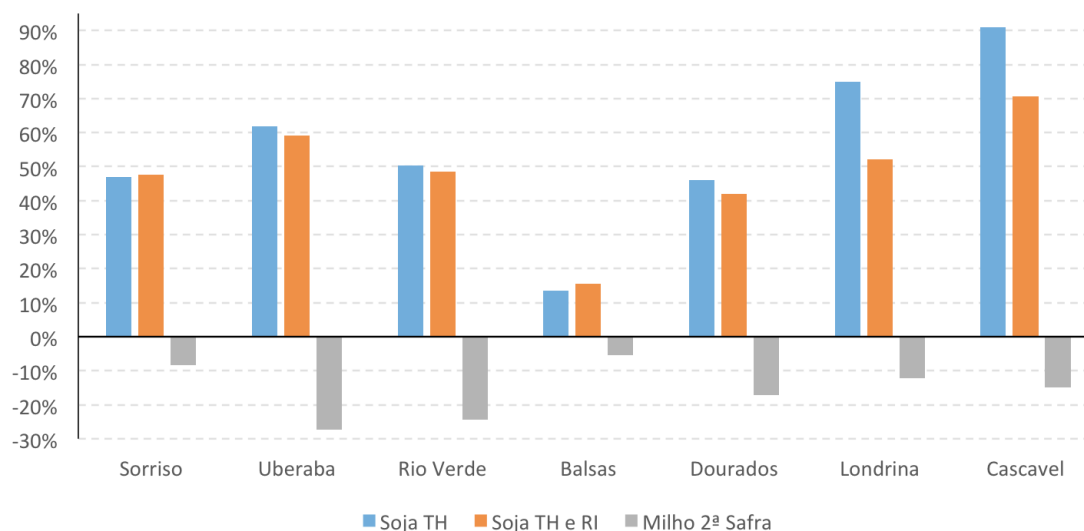
Em Cascavel (PR), o sistema composto pela soja TH teve rentabilidade maior que o da soja TH e RI. Enquanto a sucessão soja TH + milho 2ª safra registrou RRCO

de 35,8%, a de soja TH e RI + milho 2ª safra foi de 28,5%.

Nesse cenário, com base em dados obtidos até julho/2017, a maioria das regiões analisadas foram favorecidas pelo sistema soja + milho 2ª safra, visto que, a soja cobriu as despesas com a cultura do milho, resultando em rentabilidade positiva. De modo geral, o sistema que incorporou a soja TH apresentou resultados ligeiramente melhores em termos de rentabilidade frente ao da soja TH e RI. Contudo, vale destacar que o cálculo do COE não inclui a depreciação e juros sobre o capital investido, referindo-se apenas ao desembolso do produtor.

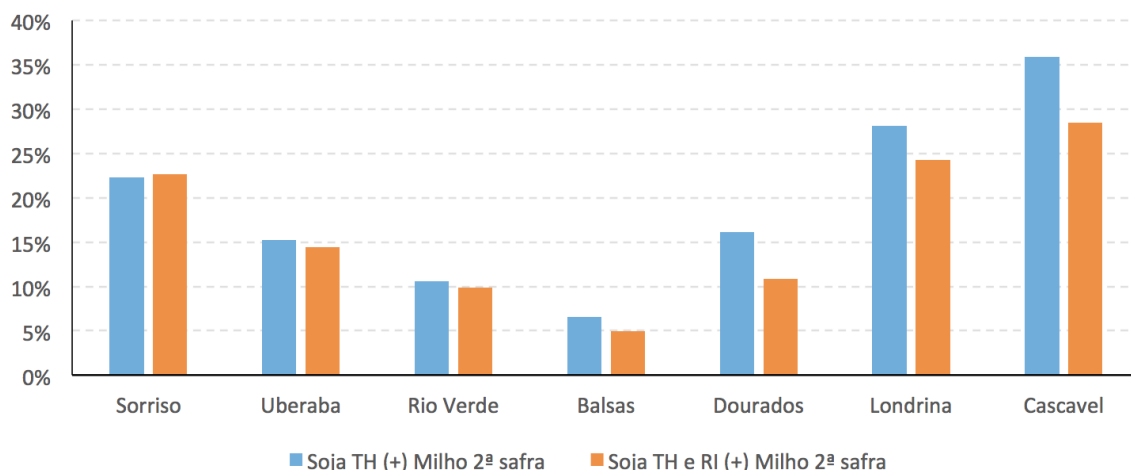
Além disso, mesmo com os resultados reduzidos pelo sistema soja + milho 2ª safra, o cereal é importante no sistema de sucessão de culturas. Por isso, não cultivá-lo pode gerar prejuízos de produtividade para a cultura da soja, pois além de ajudar a diluir os custos fixos da fazenda, a palhada do milho é importante para a proteção e aumento da matéria orgânica do solo, tão importantes para o plantio direto das lavouras.

**Figura 3. Retorno por cada real investido – RRCO (%) nas culturas da soja TH, soja TH e RI e milho 2ª Safra em 7 regiões brasileiras**



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP.

Figura 4. Retorno por cada real investido – RRCO (%) nos sistemas soja TH e milho 2ª safra e no sistema soja TH e RI e milho 2ª Safra em 7 regiões brasileiras



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalaq/USP.

## CLIMA DESFAVORÁVEL ATRAPALHA DESENVOLVIMENTO DA SAFRA DE TRIGO NO PR

O clima tem sido bastante adverso para as culturas de inverno em algumas regiões produtoras brasileiras. No Paraná, as geadas na segunda quinzena de julho devem gerar perdas para o trigo, principalmente no oeste do estado, uma vez que as lavouras já estavam em fase de enchimento dos grãos. Nas regiões norte e sudeste do estado, por sua vez, foi a estiagem que preocupou tricultores. Em Guarapuava (PR), o tempo seco atrasou o desenvolvimento inicial da lavoura e pode retardar a colheita, o que deve ter reflexos no plantio de parte da lavoura de soja da safra 2017/2018.

Em Cascavel (PR), no final de julho, as la-

vouras estavam em fase de enchimento de grãos, que é bastante sensível. Assim, a estiagem e a geada podem atrapalhar o desenvolvimento final da safra. Embora os danos sejam visíveis, agentes de mercado afirmam que ainda é muito cedo para mensurar as perdas.

Já mais ao norte do estado, em Londrina (PR), as lavouras de trigo tiveram problemas com a falta de chuvas. Colaboradores do Cepea indicam que algumas lavouras da região apresentaram plantas amareladas e com desenvolvimento restrito. Agentes também informam que, até o final de julho, algumas áreas do norte paranaense acumulavam 40 dias

sem chuva. Apenas em meados de agosto as precipitações voltaram de forma regular.

Nos Campos Gerais (regiões de Castro/Ponta Grossa, no Paraná), a seca também atrapalhou o desenvolvimento inicial da safra, mas as chuvas de agosto devem impulsionar as lavouras, mantendo, ainda, um bom potencial produtivo. A situação é similar à encontrada em Passo Fundo (RS), onde a estiagem postponeu o plantio e diminuiu a janela ideal de semeadura da cultura e que deve gerar reflexo na área destinada à lavoura, o que preocupa agentes da região.

## AVANÇO DA COLHEITA EM MATO GROSSO E NA BAHIA GERA BOAS EXPECTATIVAS DE PRODUTIVIDADE E RENDIMENTO

A colheita do algodão em Mato Grosso e na Bahia caminha com boas expectativas, tanto em volume quanto em qualidade de fibra. Contudo, até meados de agosto, a preocupação em Mato Grosso se concentrava em possíveis chuvas, o que comprometeria a qualidade das últimas lavouras colhidas. Para agentes do sul de MT, mais especificamente em Rondo-

nópolis, houve aumento significativo na incidência de bicudo-do-algodoeiro em maio. Por isso, foi necessária a realização de, em média, 28 aplicações de inseticidas, sendo seis exclusivas para o controle de bicudo, cenário que deve impactar o custo de produção na região.

No norte do estado, em Sorriso (MT), até

meados de agosto, a colheita se aproximava da metade, com a produtividade média variando bastante, mas ainda com boas perspectivas, tanto de rendimento quanto de qualidade das fibras. Na região centro-leste, a colheita de algodão está em ritmo um pouco mais lento que no norte, mas também com produtividade bastante positiva. Em Primavera do Leste

(MT), a produtividade do algodão em caroço estimada está em torno de 300 @/ha e com bom rendimento de pluma para os lotes já beneficiados e padronizados.

Quanto à região oeste de Mato Grosso, espera-se a produtividade de algodão em caroço entre 270 @/ha e 300@ /ha. Nas regiões mais a noroeste, uma das maio-

res preocupações até meados de agosto foi a proximidade de chuvas, mas no geral, o desenvolvimento final dos capulhos e o rendimento de fibra também devem ser positivos.

No leste da Bahia, a produtividade do algodão em caroço, assim como em MT, deve ficar acima de 250 @/ha, com al-

gumas áreas se aproximando de 300 @/ha. Nesta safra, a boa distribuição de chuvas deve garantir boa produtividade de pluma. Segundo agentes consultados pelo Cepea, produtores realizaram um bom planejamento das aplicações preventivas, evitando problemas com pragas ou doenças. 